

A ÁFRICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: ROMPENDO REPRESENTAÇÕES DE UMA “HISTÓRIA ÚNICA” EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS (RJ).

Larissa Lima de Souza

larissalima_uff@yahoo.com.br¹

Resumo

O presente trabalho busca registrar, publicizar e problematizar uma experiência pedagógica desenvolvida nas aulas de Geografia em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Duque de Caxias (RJ). Referenciando-se na Lei nº 10.639/03, a autora relata uma abordagem pedagógica sobre o continente africano cujo objetivo era romper com a “História Única” atribuída a ele presente em narrativas veiculadas pela mídia e até mesmo pelos livros didáticos de Geografia. Ao longo da atividade em tela, foram utilizadas diferentes linguagens e recursos didáticos. O trabalho também retrata a importância e a urgência das Universidades contemplarem de outro olhar sobre a África na formação inicial e continuada para a conformação de uma Geografia antirracista e para a reeducação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Continente africano; Desconstrução de estereótipos; Identidade étnico-racial positiva.

Introdução

É bastante comum que nós, professoras e professores de Geografia atuantes no contexto fluminense, nos deparemos com a necessidade de abordar os aspectos geográficos do continente africano em um dos anos finais do segundo segmento do Ensino Fundamental, considerando os currículos oficiais de muitas secretarias municipais e estaduais de educação. No entanto, mesmo passados mais de quinze anos desde a promulgação da Lei 10.639/03, ainda nos encontramos diante de uma realidade acadêmica de formação docente bastante marcada pela falta de disciplinas obrigatórias que contemplem a Geografia do continente africano (SILVA e SILVA, 2013) - sobretudo a partir de uma perspectiva positiva ou minimamente mais complexa - bem

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Professora de Geografia no Colégio Pedro II. Especialista em Ensino de História da África (PROPGEPEC- Colégio Pedro II). Esta prática educativa foi desenvolvida em 2018, quando a autora era docente na Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias.



como pela escassez de disciplinas que versem sobre as possíveis contribuições geográficas para uma reeducação das relações étnico-raciais. Deste modo, muitos professores de Geografia se veem diante de um verdadeiro desafio: como romper com práticas de ensino que reforçam ideias negativas associadas ao continente africano, tais como subdesenvolvimento, pobreza, catástrofes, entre outras? Como contribuir para a construção de uma identidade racial positiva de estudantes negros a partir de outro olhar sobre a África?

O presente trabalho, nesse sentido, se propõe a compartilhar algumas inquietações responsáveis por nossa busca por uma formação continuada voltada ao (re)encontro positivo com o continente africano. Ao mesmo tempo, este relato de experiência pedagógica retrata o quão desafiadora é a reflexão sobre nossa prática em sala de aula, assim como revela a potencialidade do diálogo interdisciplinar em nossa formação e atuação docentes.

A atividade pedagógica em tela foi desenvolvida em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do Ciep 330 – Maria da Glória Corrêa, escola municipal de Duque de Caxias, localizada no bairro de Santa Lúcia, periferia do referido município da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. A maioria dos estudantes da escola – e da turma - em que atuávamos era negra, o que nos motivou a repensar nossa prática no intuito de favorecer a construção de referenciais identitários positivos associados às ideias de *África* e dos *africanos*. A despeito de o continente africano não ser caracterizado por uma homogeneidade em termos de “raça”, concordamos com as reflexões propostas pelo professor Renato Emerson dos Santos quando este afirma que:

“Esta ‘raça’, constructo social, princípio de classificação que ordena e regula comportamentos e relações sociais, tem vinculação direta com a Geografia. Afinal, como bem nos aponta Quijano (2007), quando falamos em ‘negros’, remetemos diretamente à idéia de uma comunalidade, se não biológica, de origem históricogeográfica: África. Quando falamos em ‘brancos’, o mesmo se repete, com a idéia de uma origem que remete a Europa. O mesmo para ‘índios’, associados à América; ‘amarelos’, associados à Ásia. Estes referenciais são absolutamente fruto de distorções, são construções artificiais que servem para produzir visões de mundo, visões do *outro*, orientar e regular comportamentos e relações – e, aqui, estamos mais especificamente falando do padrão de relações raciais brasileiro. Relacionamos ‘negro’ a África mesmo sabendo que, há muito tempo boa parte da África é habitada (também) por grupos que, no **padrão de relações raciais brasileiro**, não são classificados como ‘negros’ – a chamada ‘África branca’, que muitos autores também questionam.” (SANTOS, 2009, p.3-4. Grifos no original)

Construindo coletivamente um Novo Conceito de África

Os encontros do terceiro bimestre letivo deveriam contemplar os principais aspectos geográficos do continente africano. Nosso recorte para a experiência pedagógica aqui exposta foram os primeiros encontros do bimestre, dedicados a investigar quais eram as imagens acerca da África e dos africanos que nossos estudantes possuíam, bem como a problematizar algumas representações estereotipadas a respeito da referida região e de seus habitantes. Nesse sentido, o foco de nossas aulas iniciais do bimestre foi gerar reflexão, curiosidade e revisão de referências simbólicas, de modo a inserir o ensino de Geografia como ferramenta para a construção de uma identidade racial afirmativa para estudantes negros (OLIVEIRA, 2011).

A primeira aula sobre “África” ocorreu na própria sala de aula que a turma frequentava. No entanto, partindo da inspiração nos princípios metodológicos dos *valores civilizatórios afro-brasileiros* propostos por Azoilda Loretto Trindade (TRINDADE, 2013), reunimo-nos em roda a fim de que fosse possível outra perspectiva para o encontro, para a socialização, para a circulação de ideias, para a troca entre os que partilhavam daquele momento. Assim que organizamos o círculo, alterando a disposição das carteiras, os estudantes pareciam bastante curiosos a respeito do que aconteceria ali, alguns mais agitados, outros desconfiados. Até que uma das estudantes revelou que aquela era a primeira vez que faziam uma *roda de conversa* ao longo da vida escolar! Naquele momento, ficou evidente o quanto a dimensão espacial do próprio arranjo da sala de aula deve ser pensada como uma forma de exercitar outros referenciais civilizatórios para além dos europeus, como o próprio valor de *circularidade*, o qual, por sua vez, incentiva a *oralidade* (TRINDADE, 2013).

Em roda, a professora anunciou o tema do bimestre e perguntou à turma: “O que vem à mente quando vocês ouvem a palavra *África*?”, pedindo que respeitassem a fala de cada um e que não sentissem vergonha do que pensavam. A participação foi bastante satisfatória, pois muitos se interessaram em contribuir com a aula, enfatizando aspectos tanto negativos quanto positivos do continente. Dentre algumas ideias negativas associadas ao continente africano e seus habitantes por parte dos estudantes, apareceram: “pessoas correndo de animais”, “sede”,



“pobreza”, “fome”, “Aids”, “coitados”, “animais selvagens como leão, elefante”, “macumba”², “colonização”, “imperialismo”; por outro lado, alguns alunos afirmaram que pensar em África os remetia à “diversidade cultural” e “riqueza natural”. Após os estudantes exporem suas visões sobre África, tracei um panorama geral do que estudaríamos ao longo do bimestre, reforçando uma palavra-chave para compreendermos um continente tão complexo: *diversidade*. Diversidade em termos físicos/naturais, mas também culturais, religiosos e políticos.

Infelizmente, a grande maioria das imagens que os estudantes possuíam acerca do continente africano e de seus habitantes vinculava-se às ideias de dependência e atraso, atribuindo-lhes um papel de *inferioridade* em relação a outros espaços. Tal predomínio de representações negativas serviu de base para o planejamento das aulas seguintes, cujo objetivo principal era desconstruir os estereótipos associados aos africanos e ao continente como um todo, a partir de *recursos audiovisuais*, os quais possibilitaram romper com o olhar do livro didático utilizado na escola³.

Rompendo com a História Única sobre a África e os Africanos a partir do audiovisual

As aulas seguintes dessa unidade didática ocorreram na sala de vídeo da escola. Durante dois tempos de aula, foram exibidos dois vídeos os quais desconstruem a imagem de África como um continente homogêneo, caracterizado apenas por aspectos negativos como pobreza, analfabetismo, doenças, etc. Em ambos os vídeos, as pessoas negras ocupavam posições de destaque em suas profissões, as quais, por sua vez, são valorizadas como vinculadas à *intelectualidade*.

² Em relação a tal visão, foi necessário realizar uma intervenção, questionando o que entendiam por “macumba”, explicando que este é um termo pejorativo e que, como estavam querendo referir-se às práticas religiosas dos povos de terreiro como o candomblé e a umbanda, tais religiões que no Rio de Janeiro são chamadas de tal forma não existem no continente africano e apenas surgiram a partir da diáspora de diferentes povos africanos que foram trazidos compulsoriamente para o Brasil. Os alunos se mostraram bastante surpresos com a descoberta.

³ No livro “Expedições geográficas”, editado pela Moderna, os capítulos sobre o continente africano situam-se em ao final do livro. Ao longo dos três capítulos dedicados à Geografia da África, a única pessoa negra representada de maneira positiva é Nelson Mandela; nesta obra, a maioria das imagens presentes evoca uma África rural, pobre e assolada por tragédias. A respeito das imagens estereotipadas acerca da África e dos africanos veiculadas em livros didáticos de Geografia, inclusive aqueles cujos autores são da denominada Geografia Crítica, ver RATTIS et al. (2005/2006).

O primeiro vídeo exibido foi “O perigo de uma História única”⁴, no qual a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie compartilha como suas escritas, ainda quando criança, eram tão influenciadas pelo olhar eurocêntrico ao qual ela se acostumara por somente ter acesso a obras inglesas. A autora cita algumas experiências pessoais pelas quais passou em diferentes fases da vida, fosse ouvindo e internalizando histórias únicas sobre outras pessoas (como a família de Fide, um menino que trabalhava na casa de seus pais, na Nigéria), fosse como alvo de histórias únicas criadas acerca do continente africano e de seus habitantes (como ocorrido durante seu intercâmbio nos EUA, quando sua colega de quarto direcionava-lhe um sentimento de pena por reproduzir uma história única de catástrofe sobre a África). Em suas palavras, o grande problema é que “A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.”.

Outro aspecto relevante abordado na palestra em questão diz respeito à pluralidade de identidades culturais presentes no continente africano, bem como a raiva despertada na autora quando alguém se refere à África como um país. O tom debochado da escritora levou à turma 901 aos risos.



Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra TED “Os perigos de uma história única”.

Já o segundo vídeo utilizado por nós como recurso didático intitula-se “Homens Africanos. Estereótipos de Hollywood”⁵, direcionado “ao mundo ocidental”, como anunciado

⁴ O vídeo pode ser acessado através dos links: <<https://www.youtube.com/watch?v=4uXhbSWIJs>> ou <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>.

⁵ O título original, em inglês é “African Men. Hollywood Stereotypes”. Este vídeo pode ser acessado através do link <<https://www.youtube.com/watch?v=qSEImEmEjb4>>. Agradeço à professora Alessandra Pio por apresentar



logo em seu início. Infelizmente, não conseguimos encontrar este vídeo legendado, o que nos obrigou a traduzir as falas concomitantemente à exibição do mesmo.

Neste pequeno vídeo com menos de três minutos de duração, Gabriel (22), Benard (23), Brian (20) e Derrick (21) questionam a maneira pela qual os filmes norte-americanos representam os homens africanos, geralmente associando-os ao porte e uso de armas, à obsessão por violência, à extrema seriedade, à agressividade ao falar, ao descontrole emocional, sendo péssimos modelos a crianças. Ao final do vídeo, após exibirem cenas de vários filmes hollywoodianos conhecidos, eles questionam o espectador: “Mas você não pensa em nós dessa maneira, pensa?”. Em seguida, apresentam-se com sorrisos, afirmando-se simpáticos e familiares, e anunciando em tom jocoso que até usam *Facebook*. Após Benard e Gabriel afirmarem “Nós somos mais que estereótipos. Vamos mudar a percepção.”, em meio à imagem dos quatro estudantes se divertindo ao jogar futebol americano, suas atividades profissionais são reveladas: Gabriel, Benard e Derrick são estudantes de clínica médica; já Brian estuda Gestão de Recursos Humanos. Os alunos da 901 demonstraram surpresa ao final.

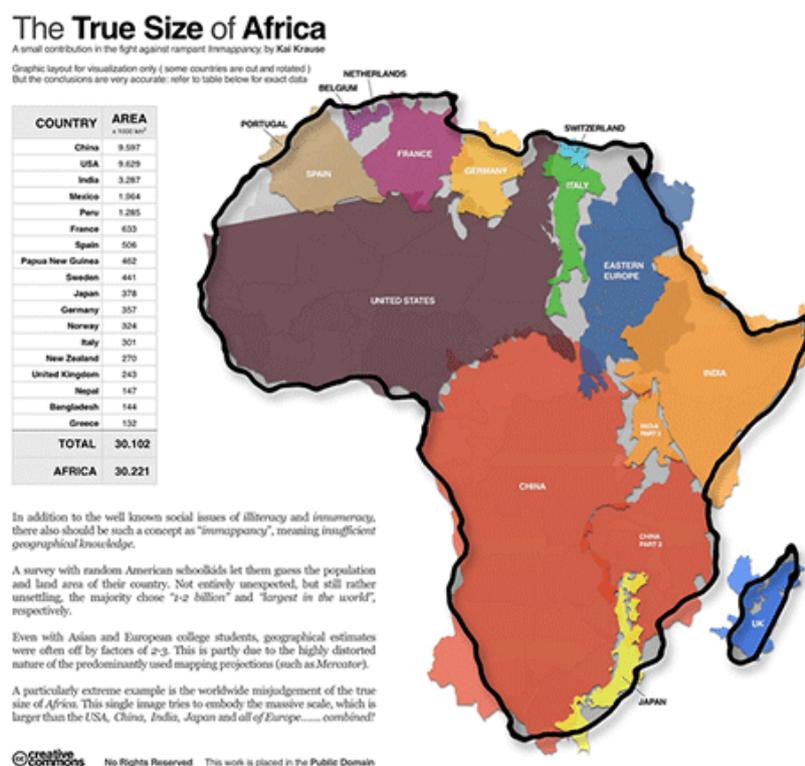
O terceiro momento de nossa aula na sala de vídeo foi dedicado a trabalhar com outras duas linguagens para questionarmos as representações estereotipadas acerca da África: a cartográfica e a gráfica. Para tanto, utilizamos como recursos um mapa político africano, um cartograma que buscava revelar o “real tamanho da África” e diversas fotografias de cidades divulgadas por moradores de diferentes países africanos através das hashtags #everydayAfrica #TheAfricamedianevershowsyoyou na rede social *Twitter*.

Partindo das considerações Santos (2009) a respeito do papel do ensino de Geografia na representação positiva da África, iniciamos este momento da aula resgatando o incômodo de Chimamanda e reafirmando que “A África não é um país”, mas sim um continente composto por 54 países diferentes entre si. Nosso principal objetivo era propiciar uma reflexão inicial em relação a como tal equívoco se relaciona ao desinteresse por este continente, bem como à tentativa de diminuí-lo, de certa forma. Possibilitar a compreensão de que “a África não é um país” através de seu mapa político pode parecer demasiadamente simples, mas é uma estratégia

este vídeo na disciplina Relações Étnico-Raciais no Cotidiano Escolar, para a minha turma de Pós em Ensino de História da África (Colégio Pedro II) em 2017.

didática que rompe com sua inferiorização e desperta a curiosidade dos estudantes a respeito de que países fazem parte do terceiro maior continente do planeta em termos de área.

Outro autor que nos inspirou nesta atividade pedagógica foi Seeman (2003), pois este alega que “a representação cartográfica do mundo não é objetiva nem neutra, mas cria visões do mundo.” (SEEMAN, 2003, p.7). Nesse sentido, buscamos visibilizar como o continente africano nos mapas-múndi dos livros didáticos com os quais os estudantes estavam acostumados, feitos a partir da projeção de Mercator, parece bem menor em termos de área territorial do que realmente é. Decidimos utilizar a linguagem de um cartograma disponível na internet intitulado “O real tamanho da África” no qual área territorial do continente africano é comparada à de diversos países, como se esses se “encaixassem” tal qual um quebra-cabeça nos limites territoriais daquele.



O real tamanho da África. Autor: Kenneth Field⁶.

⁶ Nesta imagem, o cartógrafo Kenneth Field explica que precisou alterar a imagem original, de Kay Krause, devido a um erro fundamental, o que resultou em países que “preenchem ” a área da África mapeados com projeções cartográficas diferentes. Field afirma que esse mapa usa a projeção de Goode Homolinsine, de modo que cada país é igual aos demais em termos de área. A referida imagem encontra-se disponível em: <<https://sirnigelsjourney.files.wordpress.com/2010/10/real-size-of-africa.png>>.

Cientes de que “não existe ‘a representação perfeita’. O que importa não é o grau de distorção e deformação das projeções, mas as razões e motivos do seu uso.” (SEEMAN, 2003, p.16), nosso objetivo em usar esta representação cartográfica do continente africano foi possibilitar a compreensão do caráter estratégico e cultural dos mapas.

Após breve discussão com a turma sobre as representações cartográficas apresentadas, o processo de desconstrução do olhar acerca do continente africano teve continuidade através da exibição de algumas fotografias selecionadas da rede social Twitter. Nela, há algumas páginas⁷ em que africanos e africanas de distintos países registram e divulgam suas fotografias com o intuito de evidenciar aspectos positivos de seus lugares de vida, ao mesmo tempo em que buscam quebrar as representações socioespaciais estereotipadas tão arraigadas ao imaginário ocidental.

Mesmo ciente dos problemas decorrentes da valorização dos espaços urbanizados e “modernos”, optei por selecionar fotografias as quais associavam algumas cidades africanas a ideias como organização, limpeza e prosperidade econômica. Enfim, o objetivo de abordar positivamente “Uma África que a Mídia nunca te mostra”, com fartura de alimentos em mercados populares, utilização e produção tecnológicas, serviços de saúde de ponta, produção intelectual, era desconstruir algumas versões da história única criada por essa mídia internacional, veiculada por livros didáticos, internalizada pelos estudantes do 9º ano e compartilhada pelos mesmos em nossa roda de conversa da semana anterior.



⁷ As páginas podem ser acessadas através dos links a seguir:
<<https://twitter.com/hashtag/TheAfricaTheMediaNeverShowsYou?src=hash>>
<<https://twitter.com/search?q=%23everydayafrica&src=typd>>.

Rokyaha Cisse, 17, ajustando o robô de sua equipe para a Competição Pan-Africana de Robótica, em 2017, ocorrida em Dakar, capital do Senegal.



“Kampala at night, in different lights”. (Photo by szion256) [#ThisIsUganda](#) [@BugandaTourism](#) [@UgandaTourism50](#) [@visitugandaUK](#) [@IbrahRenal](#) Postag 31.Ago.2017

Kampala, capital de Uganda, à noite.



África en positivo 12. Frutas frescas en el mercado ([#Kigali](#), [#Ruanda](#) 2015) [#TheAfricaTheMediaNeverShowsYou](#) [#everydayAfrica](#) Postado por [Carolina Valdehita](#) em 4 de Agosto de 2017.

Fartura de frutas frescas expostas no mercado de Kigali, capital de Ruanda.



Michael Macharia @MikeMachariaSST - 24 de jun de 2015 [#TheAfricaTheMediaNeverShowsYou](#) Transformation of government hospitals in Kenya.

Hospital público no Quênia.



Accra, Gana, à noite.

As luzes noturnas de Accra, capital de Gana.

Ao término de nosso encontro na sala de vídeo, pedi que fizessem uma roda mais uma vez e pensassem o que mais havia chamado sua atenção a partir do que viram. A maioria dos estudantes mencionou o fato de que alguns lugares da África eram “bonitos”; outros alunos



ironizaram e afirmaram que o hospital exibido na foto era muito melhor do que alguns brasileiros. Em seguida, perguntei quem poderia explicar o que entendeu sobre “História única” acerca da África e sobre “estereótipos” associados aos homens africanos. O retorno foi bastante positivo, pois diversos alunos se prontificaram a participar e, principalmente, meninos negros problematizaram as imagens estereotipadas de violência e agressividade presentes em filmes de Hollywood como “Diamantes de Sangue”, conhecido por eles.

O próprio fato de utilizar como recurso didático fotografias a partir de um olhar “de dentro” e publicadas na internet através de uma rede social que muitos dos alunos conhecem ou utilizam, propiciou que eles compreendessem a historicidade desse continente, desconstruindo a ideia de uma África “selvagem” onde apenas existem “pessoas correndo de animais”.

Além disso, a turma passou a pedir que fizéssemos rodas de conversa em muitas das aulas seguintes. A estratégia da *circularidade* (TRINDADE, 2013) na sala de aula foi considerada um diferencial pela turma ao longo do bimestre letivo; tal avaliação foi publicizada pelo representante de turma no Conselho de Classe, em que os estudantes citam os pontos positivos e negativos de cada bimestre.

Algumas Considerações...

“Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.” (Chimamanda Ngozi Adichie)

A escola é uma das instituições nas quais o estudante “conhece as concepções de mundo que vão orientá-lo a como posicionar-se nele e para isto a Geografia pode se tornar uma ferramenta importante neste processo.” (OLIVEIRA, 2011, p.91). Também devemos considerar o papel da Geografia na representação socioespacial e na conformação de múltiplas identidades, incluindo as raciais (SANTOS, 2009). Nessa perspectiva, um ensino de Geografia baseado em práticas pedagógicas que favoreçam a destruição de narrativas únicas acerca do continente africano possui um grande potencial antirracista.

Ainda a respeito do potencial da Geografia na construção de uma sociedade antirracista, devemos ressaltar a urgência na inserção tanto de disciplinas obrigatórias de Geografia da

África nos cursos de Licenciatura fluminenses quanto no oferecimento de cursos de formação continuada com tal temática voltados a docentes de Geografia que atuam na Educação Básica.

De modo geral, os objetivos de romper com uma História Única, ou seja, com uma narrativa que limita a compreensão da África em sua diversidade foram contemplados. No entanto, é necessário fazermos uma autocrítica e questionarmos de que forma podemos romper com tais estereótipos acerca da África e dos africanos sem, no entanto, nos valermos de imagens que, em certa medida, exaltam valores associados ao eurocentrismo tais como *progresso* e *modernização* no/do espaço geográfico?

Referências Bibliográficas

ADAS, M.; ADAS, S. **Expedições Geográficas**. 2ed. São Paulo : Moderna, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Parecer nº 3, de 10 de março de 2004. Brasília, MEC, 2004

OLIVEIRA, G. S. O Ensino de África nas aulas de Geografia e a implementação da Lei 10639/03. In: **Revista Tamoios**. Ano VII. Nº 1, 2011. Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/1704/2994>>. Acesso em 18 de Março de 2019.

RATTS, A. J. P.; RODRIGUES, A.P.C.; VILELA, B. P.; CIRQUEIRA, D.M. Representações da África e da População Negra nos Livros Didáticos de Geografia. In: **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 8/9 , n.1, p.45-59, 2006/2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Gian%20Carmin/Downloads/89-180-1-SM.pdf>>. Acesso em 20 de Março de 2019.

SANTOS, R. E. N. dos. Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro. In: XII Encuentro de Geógrafos de América Latina - Caminando en una América Latina en transformación, 2009, Montevidéo. Caminando en una América Latina en transformación. Montevidéo: Universidad de la República del Uruguay, **Anais...** Montevidéo, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriageograficoamericalatina.org.mx/egal12/Ensenanzadelageografia/Me todologiaparalaensenanza/89.pdf>>. Acesso em 20 de Março de 2019.



SEEMAN, J. Mercator e os geógrafos: em busca de uma “projeção” do mundo. In: **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 03, 2003. p.7-17. Disponível em: www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/159/127. Acesso em 18 de Março de 2019.

SILVA, W. R. Z. da; SILVA, V. L. Geografia escolar e relações étnico-raciais: (re)construindo o espaço afro-brasileiro In: XII Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2013, Paraíba. **Anais...** Paraíba: UFP, 2013. p.1-13.

TRINDADE, A.L. Valores e referências afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **A cor da cultura: Saberes e fazeres, v.3 : modos de interagir.** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. p. 17-80 Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno3_ModosDeInteragir.pdf. Acesso em 13 de Abril de 2019.